

SERINGUEIROS NA AMAZÔNIA

Antônio Carlos Galvão da SILVA¹
 Josué da Costa SILVA²

Desde o momento que deixava sua comunidade, começava a dever ao patrão. Devia a passagem do navio até o Pará e o dinheiro que recebia para se preparar para a viagem. E daí sua dívida aumentava constantemente. (Euclides da Cunha)

Resumo: Apesar da penetração ao interior da floresta amazônica até meados do século XIX, o surto migratório para a Amazônia teve, efetivamente, início nos anos de 1877-1879. Estima-se que do primeiro ciclo da borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram para Amazônia. A desterritorialização de tantas pessoas foi motivada, principalmente, pelas condições de miséria, conflitos no campo, secas e pelo sonho de ficarem ricos e poder voltar à sua terra para viverem em condições mais digna. No entanto, a realidade foi bem diferente. Os seringalistas não permitiam que os seringueiros desviassem sua atenção do objetivo principal: a extração do látex. Os primeiros se comprometiam em possibilitar o aviamento de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fabrico e entregá-lhes estradas de seringa em condições de serem exploradas, bem como o apoio na construção de tapiris e defumadores. Entrementes, o seringueiro só poderia descansar um dia na semana e destinar toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou. Diante das dificuldades, meninos e meninas eram despidos de sua inocência e obrigados à responsabilidade da atividade da coleta do látex.

Palavras-Chave: Amazônia. Barracão. Borracha. Seringueiro. Seringalista.

RUBBER TAPPER IN THE AMAZON

Abstract: The migration to the Amazon began between the years 1877 and 1879, in spied of entering in the forest inner until mid of the 19th century. It estimates itself that from the first rubber cycle until 1960 about 500.000 Northeastern arrived in the Amazon. It occurred because of the poverty, country conflict, for lack of water, by richness dreaming and by possibility of coming back to their homeland and living with more dignity. However, the reality was very different that. The rubber boss didn't allow that the tappers digressed their attention of the main aim: the latex extraction. The former took responsibility for feeding, clothes and manufacturing tools and they had to deliver the rubber road in good condition of exploration as weel as they had to support in the building of *tapiris* and smoking. So, the tapper rest only one day a week and they intend mean their production for their boss. Boys and girls, in front of those difficulties, lost their innocence and they were forced to collect latex.

Key-words: Amazon. Rubber. Rubber Boss. Shed. Tapper.

A timidez com que se configurava a territorialização da Amazônia foi quebrada a partir da descoberta do processo de vulcanização da borracha, mas, foi nos anos de 1877 –

¹ Mestrando em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Endereço: Av. Jorge Teixeira 3986, Rua D, Bloco 01, Aptº 102, Vila Militar 14 BIS – Bairro Industrial CEP: 78905-167 – Porto Velho – RO. E-mail: acgalvao@globocom

² Professor do Depto de Geografia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia-UNIR. Endereço: Rua Odessa casa 4 nº 61 - Bairro Eletronorte – CEP: 78914-080 –Porto Velho-RO. E-mail: jcosta@unir.br

1879, que se vivenciou o primeiro movimento migratório para a Amazônia, motivado principalmente pelas secas que assolavam o nordeste brasileiro. A chegada dessa grande massa humana na região mudou sobremaneira a configuração territorial da Amazônia.

Nem mesmo as grandes dificuldades apresentadas pelo inóspito território amazônico conseguiram limitar a crescente onda de territorialização dessa até então tida como “mata virgem”. A estimativa era que, desde o início do ciclo da borracha até os anos sessenta, em torno de 500.000 nordestinos vieram tentar a vida nos seringais e, deste modo, “fazer a Amazônia”. Assim, uma grande quantidade de seringais foram implantados, constituindo-se na maioria das vezes à força e com extremos requintes de crueldades, onde, muitos foram os que perderam a vida enquanto outros tiveram que trabalhar num regime de pura escravidão.

Nesse contexto, este estudo tem por objetivo resgatar, sobretudo, como se configurava o modo de vida nos seringais da Amazônia, bem como sua constituição. Para isso, este trabalho foi estruturado com base em pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo com aplicação de entrevistas não-estruturadas.

Para estudarmos o modo de vida de populações tradicionais, aqui representadas principalmente por migrantes nordestinos que, tornaram-se seringueiros, nossa reflexão, prioritariamente, tomará como base **A Geografia Cultural** para tratarmos da compreensão do humano. Assim, Paul Claval (2001, p.62) retrata que:

O objetivo da geografia atual é compreender a maneira como as pessoas vivem sobre a terra, fazem a experiência dos lugares que habitam ou visitam, encontram indivíduos e grupos, dão um sentido a esses contatos e tentam modificar as realidades nas quais vivem.

Como podemos observar, a geografia de Claval, busca ir além do simples estudo do modo de produção. Procura compreender como e de que modo se constitui e se organiza a vida não só do indivíduo, como também o modo como se organizam em grupos. Trata da inter-relação do homem com a natureza, tendo-o como parte efetiva desta e não, simplesmente, como modelador ou transformador do espaço vivido, de modo que possamos ter a sensibilidade de saber e traduzir o conhecimento que o homem tem do espaço que vivencia, da representatividade que esse ambiente tem em sua vida e sobre a maneira pela qual trabalha e modifica o ambiente, impondo-lhe suas características, convicções e anseios.

Nesse particular, é inegável a construção de uma íntima vida de interação do ser humano com a mata. Criou-se uma relação dialética entre homem e natureza, onde, enquanto

a natureza proporciona tudo que o seringueiro necessita para seu sustento, este, também desenvolveu a capacidade de procurar explorá-la de forma sustentável, tirando desta somente aquilo que lhe é suficiente para viver. Ele não caça além do que precisa para consumo por que não poderá vender. O desperdício implica na ameaça de sua vida, de sua família e de seu grupo.

Muitos ex-seringueiros que moram na cidade, quando entrevistados, dizem sentirem muitas saudades da época em que viviam nos seringais e, se não fosse a idade, voltariam a morar na floresta. Contudo, percebe-se que a verdadeira saudade não está condicionada ao trabalho do corte da seringa ou do regime de submissão imposto pelos sistemas de barracão, mas sim, do rio que lhe dava o peixe, da mata que lhe dava a caça ou do roçado que lhe dava a farinha. Enfim, sente saudades da terra e suas representações. Conforta-se por saber que aquele pedaço de chão dará, não só à sua família como também ao seu grupo, tudo que precisa para seu sustento.

O modo de vida nos seringais impõe aos que nele vive uma interação constante com a natureza. O regime de trabalho é aprendido desde muito cedo. Na maioria das vezes o corte da seringa inicia-se entre oito e doze anos de idade. As crianças são familiarizadas com a natureza. Aprendem a conviver, brincar e domesticar animais. Aprendem, acima de tudo, a respeitar e valorizar a mata, os rios e a terra, de onde provém o sustento de sua família. Compreende a importância do equilíbrio da vida com a natureza.

TRAJETÓRIA E VIRTUALIZAÇÕES

Podemos dizer que o marco de ocupação na Amazônia iniciou-se no ano de 1616 com a construção do Forte do Presépio, erguido para proteção contra os invasores ingleses, franceses e holandeses. A partir de então expedições portuguesas avançavam para o interior da Amazônia. Um dos nomes mais conhecido é o do desbravador português Pedro Teixeira - considerado por muitos como o “conquistador da Amazônia” símbolo da luta pela preservação da soberania brasileira sobre a Amazônia - devido às expedições bem sucedidas ao longo do território amazônico. Após suas viagens iniciam-se as buscas, no sertão amazônico, por ouro e drogas do sertão (cacau, baunilha, canela e outras especiarias). Assim, Hall (apud MARQUES, 1999, p.32), diz que:

No Século XVIII, o Estado do Pará era uma importante fonte de produtos florestais para exportação, tais como medicamentos, madeira, cacau, baunilha, cravo, canela e resinas aromáticas, que eram colhidos com ajuda do trabalho e força dos índios. Além das atividades extrativas, havia alguns cultivos de cana-de-açúcar, café, algodão e tabaco, bem como um pouco de criação de gado na ilha de Marajó.

A tímida configuração territorial da região norte começou a ser quebrada a partir da descoberta do processo de vulcanização da borracha em 1839. Contudo, a década de setenta do século XIX se legitimou como sendo o início do primeiro surto migratório para a região Amazônica. Nem mesmo as inúmeras dificuldades apresentadas na Amazônia impediram que o contingente de migrantes parasse de crescer, ao contrário, acentuou-se a cada ano. Nesse entendimento, Almeida (Apud WOLFF 1999, p.47) diz que a estimativa era que “só no ano 1878 migraram para a Amazônia em torno de cinquenta mil homens, mulheres e crianças, e outros tantos pereceram de fome, sede e epidemias no Ceará”.

Assim, falar dos seringueiros na Amazônia nos remete um olhar, no mínimo, a partir da década de setenta do século XIX, onde, por força das grandes estiagens no nordeste brasileiro nos anos de 1877 – 1879 e, posteriormente, as do início dos anos quarenta do século XX, obrigando milhares de nordestinos a abandonarem pais, mães e filhos em busca de uma condição de vida mais digna. Desta forma, norteados por virtualizações, despirem-se de sua terra e de tudo que mais amavam e embrenharem-se em uma nova região inóspita e cheia de mistérios.

Entrementes, não foram somente as secas que provocaram o êxodo deste povo. Muito mais que flagelados pelas longas estiagens daquela região, os nordestinos eram incentivados pelo Governo Federal a se transferirem para a Amazônia, também como forma de amenizar os conflitos sociais provenientes da concentração fundiária lá instalada desde o período colonial.

Sebastião Ferrarini, ao falar sobre a transmigração dos nordestinos para a região norte, em especial a Amazônia, deixa o entendimento de que a seca realmente se configurou como fator preponderante desse movimento, mas, destaca que além deste, outros três tiveram grande influência na desterritorialização do nordeste, sobretudo o Estado do Ceará, e a reterritorialização de boa parte da Amazônia. Assim, Ferrarini (1979, p.44), expõe da seguinte forma as três outras principais causas desse movimento migratório:

- a) Guerra. No período das guerras mundiais, sendo a borracha um produto essencial, estimulou o governo a vinda de nordestinos para, deste modo, atender a demanda bélica e abastecer o mercado interno.

- b) Obrigação. Outros foram obrigados a partir para a Amazônia Ocidental, caso contrário teriam de ir para os campos da Europa. Deste modo muitos se tornaram “soldados da borracha”.
- c) Enfim outros simplesmente estavam à procura de aventura, dinheiro, vida fácil [...].

É bem verdade que historicamente a borracha não começou a ser percebida em 1877, uma vez que nos anos de 1850 os primeiros imigrantes já começavam a chegar ao Amazonas para explorá-la. Documentos como o relatório da Província relata os primeiros movimentos migratórios, onde milhares de pessoas saíam das comarcas de Gurupá, Santarém e Província do Pará para os rios Madeiras e Purus em busca da extração do látex. Da mesma forma, Artur Reis (1931, p.215) afirma que nessa época vieram em “tal quantidade que somados a quantos lá se encontravam, só no Alto Madeira, em 1858, a cinco mil pessoas”. Mais tarde, em 1869 a cidade de Manaus recebia 1.676 migrantes. No final deste mesmo ano, chega a primeira leva de cearense, num total de cinqüenta homens. A partir de então a borracha passava a seduzir cada vez mais pessoas em busca de fortuna.

O contingente migratório foi tamanho que Samuel Benchimol (1999, p.137) relata que: “desde o início do ciclo da borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram *fazer a Amazônia*, representando assim o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira, superado somente pela migração *pau-de-arara* para São Paulo”.

Entrementes, a vertiginosa expansão dos seringais asiáticos, entre os anos de 1910 a 1919, passando de 8.553 para 381.860 toneladas (WEINSTEIM, 1993, p.247), causou uma depreciação exorbitante no preço da borracha, uma vez que o aumento da produção ficara além da demanda necessária de consumo do mercado. Essa baixa nos preços da borracha ocasionou uma verdadeira quebradeira nas casas aviadoras, visto que não conseguiam honrar seus compromissos junto às instituições financiadoras. Diante da difícil situação, os aviadores abandonaram não só a Amazônia, mas, milhares de seringueiros entregues à própria sorte. Enquanto muitos retornavam para sua terra natal, outros procuraram abrigo nas cidades amazônicas e, uma outra parcela, por escolha ou não, ficou na mata e, procuraram junto ao corte da seringa outro tipo de atividade para manter sua sobrevivência.

Com a II Guerra Mundial e a invasão dos seringais do sudeste Asiático pelas nações inimigas, levou os Governos dos Estados Unidos e do Brasil, na tentativa de manter o abastecimento do consumo do produto no mercado americano, procurar viabilizar políticas de expansão da borracha na Amazônia. Assim, por este e outros motivos surge, nos anos quarenta, um novo movimento migratório, principalmente, de nordestino rumo à Amazônia.

A implantação de seringais na Amazônia se configurou como um investimento de custos muito alto, sobretudo, devido às grandes distâncias e às dificuldades de acesso aos Centros produtores de borracha (seringais). Assim, os seringueiros quando instalados em suas colocações³ já dispunham de uma conta negativa bastante acentuada.

CONSTITUIÇÃO DO SERINGAL

A constituição dos seringais, nem sempre se fazia de maneira amistosa. Assim, esse novo espaço configurava-se mediante muitos conflitos, principalmente, com as tribos indígenas, no qual os seringalistas para expandir ou colocar novos seringais dizimaram tribos inteiras, onde, na maioria das vezes, utilizando métodos de extermínio. Assim, Maria Feitosa do Nascimento (apud WOLFF 1999, p.168), relata a fala de uma índia capturada aconselhando outras, também capturadas a não fugirem. [...] “minhas filhas, não vão mais embora, nós não tem mais ninguém, mataram tudo do nosso pessoal, mataram tudo, tudo, tudo e nem escapou nem os pequenininhos, mataram com a ponta de faca, sacudia e aparava com a faca. Mataram tudinho, não deixou ninguém”.

Como podemos perceber, a vida na mata nesta época era ditada pela força, onde, o poder era legitimado pela capacidade de disparo do fuzil. Época em que mulheres e crianças eram consideradas pelos seringalistas como improdutivas para o seringal, uma vez que julgavam que jamais seriam capazes de se dedicarem à coleta do látex e, que atrapalharia o seringueiro de executar o serviço para o qual estava designado - viver exclusivamente para cortar seringa. Desse modo, achavam que uma mulher tendo criança todo ano e, tendo que cuidar dos filhos, obrigaria o seringueiro a dispensar parte de sua força de trabalho na manutenção da família.

Em geral a constituição de um seringal era formado por um barracão⁴, geralmente localizado às margens dos grandes rios, objetivando facilitar o abastecimento de mercadorias utilizadas para manter o funcionamento do seringal e o escoamento da produção. Por

³ NASCIMENTO SILVA (2000, P.73) usa o termo Colocação como sendo “uma casa coberta de palha com piso alto, tipo palafita, para proteger os moradores de onças e outros animais. A metade da casa pode ser cercada com o caule de uma palmeira denominada *pachiúba* ou palha, formando um cômodo apenas. Havendo somente o casebre, o lugar de defumação e a floresta”.

⁴ NASCIMENTO SILVA (2000, P.74) define Barracão como “o local onde morava o gerente do seringal e famílias de trabalhadores assalariados, formando pequeno lugarejo. Neste lugarejo ficava o armazém de mercadorias e o de borracha”.

consequente, os barracões, essencialmente, tinham que ter sua localização em locais estratégicos, de modo que possibilitasse àquela casa administrativa estabelecer uma constante comunicação com os Centros⁵.

Nas proximidades do Barracão moravam as pessoas que faziam os serviços diretos para o patrão, como por exemplo, dentre outros; o mateiro, que tinha como atribuição encontrar as seringueiras e constituir as “estradas de seringa”; o toqueiro, limpava o caminho das estradas; noteiro ou aviador, responsável pela caderneta de controle de mercadorias e produção do seringueiro; comboeiro ou tropeiro, eram incumbidos de levar a mercadoria ao seringueiro e trazer a produção; gerente do seringal, administrava o local da produção da borracha; jagunços, contratados para fazer valer as imposições dos donos de seringais. Cada um com sua importância singular para manter o conjunto administrativo em condições de funcionamento.

Nas colocações, formadora dos Centros, as casas eram constituídas por cabanas ou tapiris⁶ cobertos de palha e assoalho de paxiúba⁷, casas do tipo palafita, algumas vezes eram cercadas por meia parede conhecidas pelos ribeirinhos do Purus como sendo para-peito⁸.

O número de seringueira que constituía uma estrada de seringa variava entre 100 e 120 árvores, contudo, é bem verdade que havia estradas com até 160 seringueiras. Isso nos leva a concluir que o número de seringueiras estava condicionado ao grau de concentração destas no espaço formador das estradas, ou seja, o tempo que um seringueiro levava para efetuar o corte de 100 árvores numa estrada de grandes dimensões territoriais, outro seringueiro levaria, em tese, o mesmo tempo para cortar 160 seringueiras numa estrada com menor tamanho.

⁵ NASCIMENTO SILVA (2000, P.73) diz que “o Centro era constituído por várias colocações juntas, em média de três a quatro, porque nesse local estavam as várias “estradas de seringa”. Era para esse Centro que o seringueiro de outras colocações vinha no final de semana, quando não estava caçando ou pescando, para conversar ou participar de festas”.

⁶ GREGÓRIO (vol. 3, p.1154) diz que “o Tapiri é uma espécie de cabana de palha, sem janela, apenas uma entrada; o teto em forma cônica, com pequena abertura para a saída da fumaça, com o mesmo sentido aparece a forma paperi ou papiri”.

⁷ Os caboclos do município de Lábrea, estabelecidos ao longo do Rio Purus e seus afluentes, a retiram preferencialmente dos açazeiros por darem um melhor acabamento quando da construção dos assoalhos e paredes. Para se obter a paxiúba parte-se o açazeiro ao meio e raspa-se a parte externa, a qual será fixada no assoalho com essa extremidade voltada para cima.

⁸ Termo usado na região puruense para designar uma parede que tinha a altura aproximada a do peito (tórax) de um caboclo.

O MODO DE VIDA NOS SERINGAIS

Ao chegarem aos seringais, “os brabos”, como eram conhecidos os novatos, pelo fato de não disporem de nenhuma habilidade no que diz respeito ao trato do corte da seringa, ficavam nos barracões ou em algum centro aprendendo com seringueiros experientes a maneira como se deveria proceder com corte da seringa, bem como a familiarização deste com a mata. Após atingir certo grau de conhecimento na coleta do látex, ele era conduzido para as colocações. Como estava começando, o aviamento fornecido pelo patrão era mínimo, uma vez que o novato já se fazia com muitas dívidas no barracão.

Com o pequeno aviamento e apto no corte da seringa, a este era dada uma colocação com duas ou três estradas. Em média, uma estrada de seringa contém entre 100 e 120 madeiras, tudo dependerá da concentração de árvore nesse espaço. Na Amazônia, geralmente essas árvores se encontram bastante dispersas uma das outras, este fato tem levado muitos estudiosos a dizerem que por conta disso não há propagação do mal-das-folhas, como ocorreu nos seringais de Fordlândia e Belterra da empresa Ford.

A condição de seringueiro “brabo”, só lhe era retirada após o quarto ou quinto ano de dedicação, tempo considerado para que este adquirisse boas habilidades no processo do corte da seringa, passando, desta forma, a ser qualificado como “manso”.

As estradas eram cortadas em dias alternados para não exaurir a capacidade do fluxo de leite da árvore. Dependendo do porte da madeira, nesta poderia conter duas ou três bandeiras⁹. Estas eram feitas com a distância aproximada de vinte centímetros uma da outra. As incisões deveriam ser cuidadosamente executadas, não podendo ser nem superficiais, nem profundas o bastante a ponto de ultrapassar a casca e alcançar o caule. No primeiro caso, o fluxo do leite não corresponderia a real capacidade de produção da seringueira, fazendo com que a coleta do leite se faça muito tímida. No segundo caso, poderia acarretar o surgimento, no local da cisão, de um nó de maneira que, dependendo da quantidade de nódulos e da gravidade das incisões aferidas na seringueira, levava a árvore à diminuição e esterilidade de látex ou até mesmo, segundo alguns relatos de seringueiros, à sua morte.

No primeiro ciclo da borracha o regime era bastante rígido. Nessa época, o seringueiro não podia exercer outra atividade que não fosse o corte da seringa. Os seringalistas não

⁹ Nome dado pelo seringueiro amazônico para designar uma determinada parte da madeira da seringueira na qual seriam feitas as incisões para a extração do látex.

queriam e nem permitiam que os seringueiros desviassem sua atenção do objetivo principal: a extração do látex. Isso impedia que seringueiros fizessem roçados ou casassem.

O compromisso do seringalista com o seringueiro se configurava em possibilitar o aviamento de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fabrico, bem como entregá-lhes estradas de seringa que estivessem condições de serem exploradas, além de apoio na construção de tapiris e defumadores. Em contra partida, o seringueiro só poderia descansar um dia na semana e vender toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou.

Na entrega da borracha, por lei o patrão deveria pagar 60% do valor do mercado, fato que na maioria das vezes não acontecia. Mesmo se pagasse de acordo a lei, o seringalista tirava a diferença no preço de seus produtos. Quando o seringueiro ia entregar a borracha no barracão, ele recebia o valor desta com preços cotados no início do fabrico, enquanto que os produtos adquiridos eram notados em uma caderneta e cobrados valores atuais, ou seja, o seringueiro vendia sua produção de borracha a preços defasados, enquanto os produtos adquiridos no barracão, além de já inflacionados, ainda eram pagos em valores reais. É claro que esse tipo de transação deixava o seringueiro sempre endividado. Warren Dean (1989, p. 139) relata que:

[...] A equipe de estudos descobriu que o seringueiro típico recebia três cruzeiros – ou quinze centavos de dólar – por quilo, enquanto seu patrão, ou quem o representasse, recebia 1,25 cruzeiro – 6,25 centavos de dólar. Mas os preços das mercadorias no barracão do seringalista eram fixados de maneira a deixar o seringueiro de bolsos vazios no fim da estação[...]

No exercício da profissão, o trabalhador da floresta acorda muito cedo. Toma um café preto enquanto espera a carne de caça seca ou peixe escalado¹⁰ fritar em uma caçarola preta pela ação do fogo ardente expelida do fogão à lenha. Após colocar seu quebra-jejum em uma lata com farinha d'água, pega a poronga, a faca de cortar seringa, o balde, o paneiro, o encerado¹¹, o facão e o inseparável rifle ou espingarda, do qual provia seu alimento e sua proteção e, embrenha-se floresta adentro em busca do látex.

Começava, na maioria das vezes, a dar seu primeiro corte iluminado pela poronga, fixada em sua cabeça. O motivo deste serviço começar tão cedo se justifica pelo fato de que, na Amazônia, o período de maior ocorrência de chuva dar-se-á no período da tarde. Deste modo, o seringueiro sai em disparada de uma árvore a outra, cortando, colocando a tigela e

¹⁰ Peixes de escama tipo pacu, sardinha, jaraqui e matrinhã, limpos, abertos ao meio, salgados e secos ao sol. O ribeirinho se utiliza muito dessa técnica para ter uma ração menos perecível.

¹¹ Saco impermeável feito do próprio leite da seringa. É muito utilizado no seringal.

torcendo para que faça um dia de muito sol. Após cortar toda a estrada, pára à beira de um riacho, onde, apressadamente, come alguns punhados de farinha com peixe ou carne. Quando termina, toma uns goles de água na folha da sororoca¹² e, mais que depressa, pega o paneiro, balde e o encerrado e sai colhendo o leite, que a essa altura já repousava nas tigelas. Das tigelas para o balde, o leite era levado e, quando este se fazia com uma certa quantidade de leite, o seringueiro o despejava no encerrado levado dentro do paneiro.

As estradas, não eram constituídas em linha reta, mas, em forma de gotas. Esse formato permitia ao seringueiro cortar toda a estrada e terminar muito próximo de onde houvera efetuada a primeira incisão. Esse esquema facilitava em muito a vida do seringueiro, pois, quando este chegava ao final da estrada, também estava em seu começo e, desta forma, pronto para colher o leite das primeiras seringueiras cortadas.

Ao terminar a coleta do leite, o seringueiro retorna à sua casa: prepara os cavacos, os cocos de babaçu e de castanha para colocar no boião¹³ e fazer a defumação do leite. Quando este termina de defumar, quase sempre o dia já está no fim. Mesmo assim, o seringueiro pega a tarrafa e sai em um pequeno casco¹⁴ garapé adentro em busca do jantar. Ao chegar, toma um banho, janta e, em sua rede, põe-se a pensar no dia seguinte. Adormece pedindo a Deus que se tiver que mandar chuva, que seja após a coleta do leite.

O modo de vida nos seringais, como sabemos, não é nada fácil. Desde muito cedo as crianças começam a dar seus primeiros passos rumo às atividades desempenhadas por seus pais, tios e avós. Assim, desde pequenas as crianças são familiarizadas com a natureza. Aprendem a conviver e brincar com os animais de criação e, acima de tudo, aprendem a respeitar e valorizar a mata, os rios e a terra, pois, é dali que proverão o sustento de toda sua geração.

O “homem do seringal” só adquiri uma identidade quando torna-se capaz de cortar a sua própria estrada de seringa, ou seja, sua existência está intimamente condicionada ao fato de poder cortar seringa. Entrementes, vale a pena ressaltar que não era apenas os meninos que se submetiam desde muito cedo à atividade do corte da seringa, de modo que, Nascimento

¹² Espécie de planta encontrada na floresta amazônica, tendo suas folhas muito parecidas com as da bananeira, só que em tamanhos menores. É muito utilizada pelo caboclo para forrar os panacos e paneiros para armazenar farinha.

¹³ Fogão feito de barro em formato de uma pirâmide, com uma boca redonda na extremidade, e serve para defumação do látex da seringueira.

¹⁴ Pequena embarcação feita do tronco da árvore.

Silva (2000, p.80), em entrevistas realizadas com mulheres seringueiras, retrata bem o espaço extrativista da seringa que aquelas então crianças eram postas a ocuparem.

A minha história é semelhante a de milhares de crianças e de jovens que viveram nos seringais da Amazônia (...) Eu comecei a trabalhar com meu pai desde muito criança, mas na atividade da extração da borracha da seringa eu comecei a partir dos onze anos, era natural, pois eu não conhecia outro tipo de trabalho (...) e isso chega a fazer parte da cultura das pessoas que trabalham na roça e que toda família desde cedo começa a ajudar.

Com onze anos eu já cortava seringa com meu pai, me casei com treze anos e continuei no corte (...) trabalhei uns sessenta anos no seringal.

Trabalhei no seringal do rio Abunã (...) Eu comecei com dez anos de idade, a caneta que meu pai me deu foi uma faca de cortar seringa. Eu não sei nem assinar meu nome (...) o trabalho que eu fazia era cortando, colhendo, defumando, tirando cavaco pra defumar.

Em conformidade com os relatos apresentados pelas mulheres seringueiras, percebemos que elas não deixavam a desejar em nada em relação aos homens. Viviam a mesma realidade e intensidade da vida na floresta. Retratando, assim, que a mulher teve um papel muito importante na atividade de extração do látex, uma vez que, a maioria delas, mesmo após o casamento, continuavam a desenvolver as atividades ao longo de sua vida.

Hoje, em pleno século XXI, a vida nos seringais ainda é permeada por mulheres que se dedicam ao corte de seringa para sustentarem seus filhos. Exemplo disso é o caso de dona Maria das Dores que, em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2007, dizia:

Eu nasci e me criei no município de Pauini, em um outro seringal fora de Lábrea, meu pai é misturado com índio, ele e minha mãe nasceram por lá. [...] Com oito anos eu já fazia companhia à minha mãe, ela era seringueira. Quando eu cresci mesmo, e já não tinha medo de andar só, quem me acompanhava era meu irmãozinho, aí pronto, de lá para cá, até nessa idade, até o dia treze do mês passado, antes de sair de lá, ainda fiz dezoito quilos de borracha. [...] Minha vida todinha foi vivida no seringal, todinha lá com meus meninos.

Com o passar dos tempos, a vida nos seringais não se restringiu mais ao corte de seringa, em períodos em que não é propício ao corte, outras atividades são desenvolvidas pelos moradores das matas. Os ribeirinhos põem roçado, coletam castanha, extraem o leite da sorva e do amapá¹⁵, o óleo de copaíba e andiroba, bem como cuidam da criação de animais, principalmente, galinhas, patos e porcos.

¹⁵ Tipo de árvore encontrada na Amazônia, cujo látex é muito utilizado pelo caboclo da região para fins medicinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maltratados pelas constantes secas e conflitos no campo; estimulados por promessas de grandes ganhos e; movidos pelo sonho de melhores condições de vida, milhares de migrantes nordestinos despiram-se do que mais amavam e vislumbraram na Amazônia uma vida mais digna. Contudo, o que se viu foi um modelo de exploração cruel e desumana imposto aos seringueiros que, nos seringais submetiam-se, além da opressão do sistema de barracão, às diversas doenças e animais existentes nesses centros produtores de borracha, de modo que, não se pode negar que os seringueiros fazem parte das grandes vítimas nesse sistema de exploração da borracha, onde, se estima que entre dezessete e vinte mil, dos que se dispuseram à coleta do látex na Amazônia, não retornaram, perda esta considerada bem maior que a sofrida pela Força Expedicionária Brasileira na Itália.

O modelo de produção constituído deixava cada vez mais o seringueiro endividado e, conseqüentemente, refém de seu almoz - o patrão, uma vez que ao seringueiro era dada a condição de exclusão das riquezas produzidas. Assim, para que uma meia dúzia de aproveitadores levassem uma vida de luxúria nos grandes centros brasileiro e europeu, muitos trabalhadores tiveram que ser sacrificados - povos indígenas dizimados, mulheres sendo negociadas como mercadorias, seringueiros esquecidos pelas autoridades governamentais, expostos às doenças e animais na floresta.

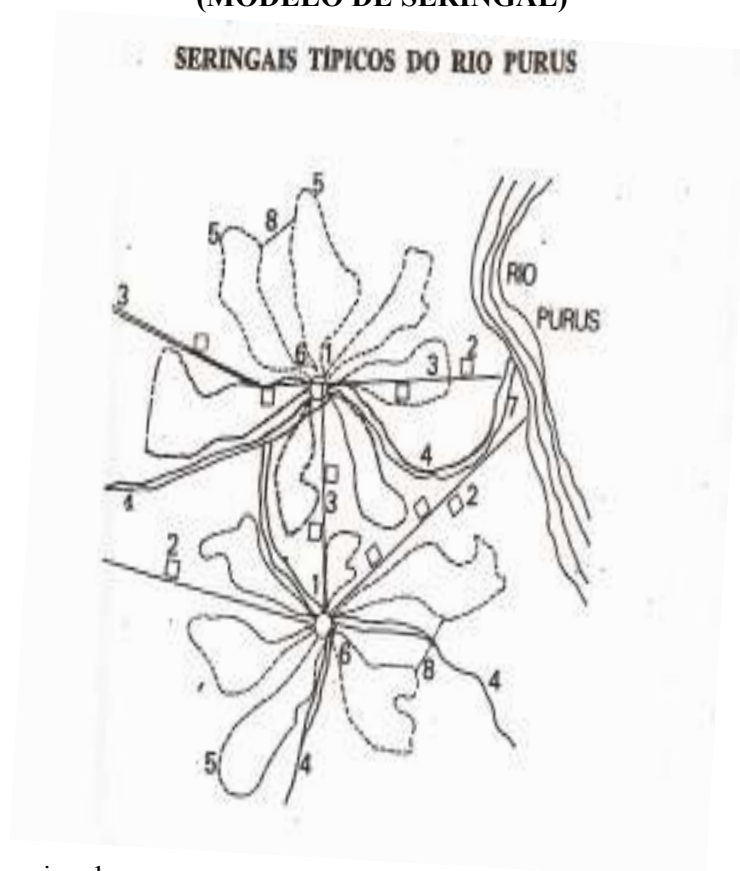
Mesmo frente às adversidades encontradas na mata, a nova construção de vida do seringueiro se deu permeada de muita doação e, simultaneamente uma interação sem igual com a mata, rio, lendas e mitos. Assim, a mata para ele é um lugar de liberdade, onde, a saudade atribuída aos tempos em que viviam nos seringais é expressa pelas relações construídas com a natureza, não possuindo nenhuma relação direta ou indireta com o capital.

Assim, vale ressaltar que nos seringais de hoje, a relação do seringueiro com o lugar onde mora ainda é permeada pelos mesmos sentimentos. Ali estão presentes o significado e a importância de virtualizações de gerações, às quais não se pode mensurar. Esse espaço representa, para o seringueiro, toda uma história de vida e, é disso que ele tem saudade. Saudade de ir ao rio ou à mata pegar o peixe ou a caça para o sustento de sua família, plantar mandioca, milho, melancia e jerimum. Esse modo de vida faz com que o seringueiro sinta-se o senhor de si mesmo, buscando na natureza o suficiente para sua existência, bem como daqueles que com ele vive. Para ele, apesar de todas as dificuldades que os seringais lhes impõem, a terra representa a sua existência, a existência de sua família e de seu grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: Formação Social e Cultural. Manaus, Valer, 1999.
- _____, **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- _____. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DEAN, Warren. **A Luta Pela Borracha no Brasil**. São Paulo, Nobel, 1989.
- FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: Sofrimento e Miséria do Nordeste na Amazônia. Vozes, Petrópolis, 1979.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação. Explicação das Normas da ABNT**. 14ª. ed. Porto Alegre: 2006.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARQUES, José Roque Nunes. **Direito Ambiental**: Análise da exploração madeireira na Amazônia. São Paulo, LTr, 1999.
- MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na II Guerra Mundial**. Rio Branco: EDUFAC, 2004.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres Seringueiras na Amazônia Brasileira**: uma vida de trabalho silenciado. IN: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Ângela. **A Mulher Existe? Uma Contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEM, 1995.
- WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**: Estudo do Homem nos Trópicos. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia**: Expansão e Decadência (1850 – 1920). São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta**: uma história: Alto Juruá, Acre, (1890-1945). São Paulo: HUCITEC, 1999.

ANEXO
(MODELO DE SERINGAL)



- 1- Sede do seringal
- 2- Barracos ou casas dos seringueiros
- 3- Varador
- 4- Igarapé
- 5- Volta da estrada
- 6- Boca da estrada
- 7- Barracão
- 8- Caminho ligando estradas

Constituição geográfica de um seringal baseado no croquis de Euclides da Cunha In, Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido – Sebastião Ferrarini. Progresso e Desenvolvimento no Purus.